

REINO MACONGE
CEIA DE LEIRIA
O REINO MACONGE À MESA - HOMILÍA.

Mais de oito décadas de amizade, fraternidade e solidariedade decorreram num reino que não tem fronteiras, não possui muralhas, não precisa de exércitos nem de canhões. Num reino que nasceu nas terras altas da Huíla, à sombra da Serra da Chela, e que fez da amizade o mais nobre dos seus brasões. Esse reino é o nosso velho e querido Reino de Maconge.

Há mais de oito décadas que o espírito Macongino atravessa gerações, continentes e oceanos, sustentado em três pilares que o tempo não conseguiu abalar: a solidariedade, a fraternidade e a amizade. São estes os valores que nos unem, independentemente dos títulos que ostentamos, das terras onde vivemos ou dos anos que já carregamos sobre os ombros.

As ceias Maconginas são muito mais do que simples encontros à volta de uma mesa. São o reencontro com a juventude, com as nossas origens, com o Lubango das nossas memórias e com os companheiros de tantas aventuras. São momentos em que a saudade se transforma em alegria, em que as distâncias desaparecem e em que, por algumas horas, voltamos a ser os mesmos irreverentes rapazes das terras altas da Huíla

E é precisamente esse espírito que nos reúne nesta nobre cidade de Leiria, numa ceia organizada sob os auspícios da nossa distinta Soba Mally, Marquesa de Tataíra, e do seu ilustre consorte, Dom Álvaro Ferreira (Ananás), Bispo do Munhino e Conde da Bibala. A ambos dirigimos a nossa homenagem e o nosso agradecimento por manterem viva esta tradição que é, acima de tudo, uma celebração da amizade.

Não podemos deixar de evocar, nesta reunião da família Macongina, o nosso estimado Vice-Rei, Dom Roberto da Silveira, cuja ausência forçada se faz sentir, bem como a do Marques da Minhoca Dom João Costa e Silva, sempre associado ao rigor protocolar e às boas tradições da nossa corte. A ambos enviamos uma saudação fraterna, na certeza de que, mesmo ausentes, continuam presentes no espírito desta ceia.

Por decreto Real, caberá a Dom Fernando da Silveira, o nosso estimado Dom Funka, Duque da Huíla, representar condignamente o Vice-Rei nesta magna cerimónia. Tal como na tradição militar, quando cai um soldado, outro se levanta, também aqui ninguém deixa de estar representado quando o espírito de Maconge se mantém. Porque, acima de tudo, o que importa é que esse espírito continue presente, assente na amizade, na solidariedade e na fraternidade. Viva o Reino de Maconge! Ginga Malaia!

E que dizer da ilustre assembleia aqui reunida? Temos uma representação eclesiástica de tal envergadura que faria corar de inveja o próprio Vaticano! À cabeça deste clero de luxo encontra-se Sua Eminência, o Cardial Dom Alexandre Adrega, detentor de um título verdadeiramente singular, concedido por Sua Majestade, o nosso Rei Dom Caio Júlio César da Silveira. Um título que não nasceu de qualquer conclave, nem de bula papal, mas das memoráveis cardinas que Sua Eminência foi colecionando ao longo da sua gloriosa carreira académica! É caso para dizer que, no Reino Maconge, até os excessos da juventude podem conduzir às mais altas dignidades eclesiásticas! Na sua comitiva estão também o Sacristão e a Abadessa do Reino, que coadjuvam dois Bispos e um Arcebispo.

Todos estes dignatários serão a garantia de que as cerimónias irão decorrer com a solenidade exigida — embora, conhecendo os hábitos desta corte, nem sempre seja possível garantir a disciplina litúrgica!

Nesta noite de confraternização, recordamos igualmente, com respeito e saudade, o nosso malogrado Arcebispo de Caluquembe, Dom Joelson Figueira, cuja memória permanece viva entre nós.

E eis que, contrariando os mujimbos que circulavam e anunciavam a ausência da nossa ilustre Abadessa Fernanda Santos, soou, com toda a solenidade, o alarme do corno de olongo! Que se calem, pois, as línguas da intriga: Sua Reverendíssima estará presente na Ceia de Leiria, acompanhada pelo seu consorte, o Coronel Tapioca, distinto membro do Reino. E este não veio apenas para prestar guarda de honra à Abadessa e assegurar o devido respeito à sua dignidade; estará também entre nós, como um dos estimados membros do Reino, pronto a juntar a sua voz à do Trovador para gáudio de todos os presentes.

Não podemos deixar de evocar, nesta reunião da família Macongina, a ausência particularmente sentida, do nosso querido Trovador-Mor do Reino, Dom Fernando Morgado. Com os seus respeitáveis noventa anos, continua a fazer inveja a muitos cantores de gerações mais novas. É que o nosso trovador, apesar da idade, continua sem uma única variz na voz! E assim prossegue, espalhando o seu inconfundível perfume coimbrão através das canções, das serenatas e das memórias de uma juventude que, nele, parece recusar-se a envelhecer. Que a sua voz continue firme, que a sua inspiração nunca se esgote e que as guitarras de Coimbra e os demais trovadores continuem a acompanhar esse extraordinário património de afetos que o nosso trovador representa.

Três Presidentes da Academia estão presentes nesta ceia. Eles serão os garantes de que toda a praxe Macongina decorrerá com a tradicional Linha, Lábia e Lata.

A somar a todos estes nobres estarão três Sobas, verdadeiros pilares do todo o edifício Macongino, que com o seu esforço e dedicação nos proporcionam estes momentos de memória, encontro e saudade, mas também de alegre convívio.

No meio de uma plêiade de nobres, não podemos esquecer Dona Gisela Figueira, distinta Chefe de Protocolo, filha do saudoso Arcebispo de Caluquembe, que na Chamada de Maconge nomeará um por um todos os nobres presentes e a quem cabe a difícil missão de impor a ordem numa assembleia onde abundam os títulos, mas onde a irreverência académica continua a desafiar todas as regras protocolares!

Uma referência especial para a plebe, que constitui o corpo central deste Reino, de lenda, sonho e fantasia e sem a qual, ele não faria sentido.

Saudemos, pois, todos os presentes nesta ceia: a nobreza, o clero e a plebe, porque, no Reino Maconge, os títulos podem distinguir as personagens, mas é a amizade que nos torna iguais.

E daqui, desta mesa de Leiria, enviamos também uma saudação muito especial ao berço do nosso Reino, ao Lubango, à Huíla e às suas gentes. Àqueles que permanecem nas terras onde tudo começou, guardando as nossas memórias, os nossos costumes e os lugares que fizeram de nós aquilo que somos. Saudamos todos na figura de Dom António Lemos, Duque-Mor de Angola, e aos que, de pedra e cal, mantêm firme o berço do Reino.

Uma saudação igualmente calorosa a todos os maconginos que, espalhados pelos quatro cantos do mundo, continuam a lutar pela preservação das nossas tradições, mantendo vivo o espírito de Maconge, organizando encontros, promovendo ceias e transmitindo às novas gerações os valores que herdámos dos nossos antepassados académicos. A todos eles devemos o reconhecimento de quem sabe que uma tradição só permanece viva enquanto houver alguém disposto a defendê-la.

Peço, desde já, a indulgência da ilustre assembleia se, por qualquer razão, tiver omitido alguma das suas distintas figuras. Não interpretem o lapso como falta de consideração ou desrespeito pela hierarquia do Reino. Atribuam-no, generosamente, ao meu DNA — minha já respeitável Data de Nascimento Antiga - 74 CACIMBOS. É que os anos passam, a memória por vezes prega-nos partidas, mas, felizmente, a amizade continua a resistir aos caprichos da idade. E é precisamente quando pensamos no passar dos anos que esta ceia ganha um significado ainda mais profundo. Porque, companheiros, já fomos tantos! Já somos muito menos, Houve tempos em que as nossas mesas eram mais compridas, as vozes mais numerosas e ruidosas, as gargalhadas mais estrondosas e as noites pareciam não ter fim. Hoje, olhando à nossa volta, percebemos que somos cada vez menos.

Alguns companheiros afastaram-se pela distância, outros pelas circunstâncias da vida, e outros partiram definitivamente para essa parte incerta de onde ninguém regressa. Há cadeiras que ficaram vazias. Há vozes que já não escutamos. Há abraços que gostaríamos de repetir e histórias que ficaram por contar. Mas há uma coisa que o tempo não consegue levar: a memória daqueles que fizeram parte das nossas vidas. É por isso que, nas ceias Maconginas, os ausentes continuam presentes. Estão nas

histórias que repetimos, nas fotografias que guardamos, nas canções que voltamos a cantar e, sobretudo, no silêncio emocionado com que, por vezes, recordamos os seus nomes. A verdadeira grandeza do Reino Maconge não reside nos brasões, nos títulos de nobreza ou nas dignidades eclesiásticas. Reside na capacidade de transformar companheiros em irmãos, de fazer da solidariedade uma obrigação moral e de conservar a fraternidade mesmo quando os anos e as distâncias nos separam. É essa a nossa maior herança. É esse o património que recebemos e que temos o dever de transmitir.

Por isso, nesta ceia de Leiria, quero erguer simbolicamente o meu copo a todos vós. Aos organizadores, aos presentes, aos ausentes, aos que continuam a preservar as nossas tradições e à memória daqueles que já partiram.

Que nunca nos falte a alegria de nos reencontrarmos. Que nunca nos falte a generosidade de estender a mão a um companheiro. Que nunca permitamos que as diferenças, as distâncias ou os anos destruam aquilo que construímos ao longo de mais de oito décadas. Porque os reinos podem desaparecer, as coroas podem perder o brilho, os títulos podem cair no esquecimento e até os monumentos podem transformar-se em ruínas. Mas enquanto houver dois maconginos capazes de se abraçar e de recordar os tempos vividos, o Reino Maconge continuará a existir.

Quero terminar com a certeza de que, quanto mais os anos passam, mais profundamente sinto: O Reino Maconge é um reino onde ninguém envelhece sozinho, porque os amigos envelhecem juntos. Envelhecem juntos nas recordações, nas alegrias, nas saudades e na certeza de que cada reencontro é uma pequena vitória sobre o tempo. E enquanto houver amizade, haverá Maconge! Viva o Reino Maconge! Viva a solidariedade! Viva a fraternidade! Viva a amizade! Pelos presentes, pelos ausentes e por todos aqueles que fizeram do Reino Maconge uma família!

Saudemo-nos na Paz de BACO!

GINGA MALAIA! GINGA MALAIA! GINGA MALAIA!

Óscar Gil – Bispo do Reino

Ceia de Leiria, novembro de 2026